



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

WAGNER BEZERRA XAVIER

**A SAÍDA DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS DAS CIDADES PEQUENAS E O SEU
IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO LOCAL: UMA
ANÁLISE A PARTIR DO MUNICÍPIO DE ARARA-PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

WAGNER BEZERRA XAVIER

**A SAÍDA DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS DAS CIDADES PEQUENAS E O SEU
IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO LOCAL: UMA
ANÁLISE A PARTIR DO MUNICÍPIO DE ARARA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação/Departamento
do Curso de Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Profa Ma. Maria Marta dos Santos Buriti

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574s Bezerra, Wagner.

A saída das agências bancárias das cidades pequenas e o seu impacto no desenvolvimento socioeconômico local [manuscrito] : uma análise a partir do município de Arara - PB / Wagner Bezerra. - 2020.

26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Espaço urbano. 2. Violência urbana. 3. Dinâmica socioeconômica. 4. Arara - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 711.4

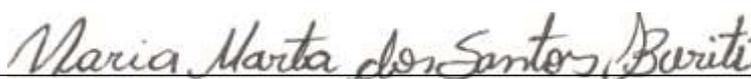
WAGNER BEZERRA XAVIER

A SAÍDA DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS DAS CIDADES PEQUENAS E O SEU
IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO LOCAL: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO MUNICÍPIO DE ARARA-PB

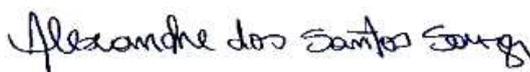
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação/Departamento
do Curso de Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: 18/11/2020.

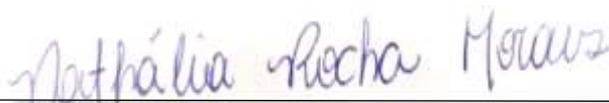
BANCA EXAMINADORA



Profa Ma. Maria Marta dos Santos Buriti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Alexandre dos Santos Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa Ma. Nathália Rocha Morais
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

À minha mãe e meu avô que sempre acreditaram na minha formação intelectual e como pessoa. Também dedico a população das pequenas cidades, que eu possa contribuir de alguma forma a sociedade, com o presente trabalho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A LEITURA GEOGRÁFICA DA REALIDADE SOCIOESPACIAL	09
2.1- As pequenas cidades: conceitualização e dinâmicas socioeconômicas	11
3 A VIOLÊNCIA URBANA NAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DAS EXPLOSÕES E ROUBOS AOS CAIXAS ELETRÔNICOS	14
4 MATERIAL E MÉTODO	16
4.1- Caracterização geográfica da área de pesquisa	17
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICES	24
APÊNDICE A- Questionário aplicado aos moradores residentes em Arara-PB	24
APÊNDICE B- Entrevista semiestruturada aplicada aos comerciantes	25

**A SAÍDA DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS DAS CIDADES PEQUENAS E O SEU
IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO LOCAL: UMA
ANÁLISE A PARTIR DO MUNICÍPIO DE ARARA-PB**

**THE DEPARTURE OF BANKING AGENCIES FROM SMALL CITIES AND ITS
IMPACT ON LOCAL SOCIOECONOMIC DEVELOPMENT: AN ANALYSIS
FROM THE MUNICIPALITY OF ARARA-PB**

Wagner Bezerra Xavier¹
Maria Marta dos Santos Buriti²

RESUMO

A cada novo contexto, novas dinâmicas surgem desencadeando processos, cujos desdobramentos merecem destaque na abordagem geográfica quando implicam na ordem da produção socioespacial. Quando toma-se por referência a epocalidade atual da sociedade, marcada por tantos processos que recaem sobre a produção e organização do espaço, uma das questões que têm se sobressaído como problemática na dinâmica socioespacial é a violência urbana que se manifesta de muitas formas, sendo uma delas as explosões e roubos de caixas eletrônicos em agências bancárias. Diante deste quadro, se faz necessário traçar reflexões acerca das múltiplas formas como esse fenômeno tem atingido a dinâmica socioeconômica das cidades pequenas onde as explosões dos caixas eletrônicos têm sido mais comum e resultado no fechamento das agências e, conseqüentemente, na imposição de limites para os fluxos de capitais e mercadorias no espaço local. É desta forma que no presente trabalho objetiva-se compreender os impactos socioeconômicos na cidade de Arara, no estado da Paraíba, decorrentes da saída da Agência do Banco do Brasil da cidade em 2017. O trabalho pauta-se em uma abordagem qualitativa, em que, adotando-se pesquisas bibliográficas e pesquisas de campo, busca-se traçar um plano de análise capaz de permitir a reflexão do contexto socioespacial em questão. A partir dos resultados alcançados, pode-se dizer que a saída da Agência do Banco do Brasil da cidade de Arara-PB tem tido repercussões diretas na economia local e na dinâmica dos fluxos de pessoas, capitais e mercadorias, que passaram a ter como destino outros municípios.

Palavras-chave: Espaço. Violência urbana. Arara-PB. Dinâmicas socioeconômicas.

ABSTRACT

With each new context, new dynamics arise, triggering processes, the consequences of which deserve to be highlighted in the geographical approach when they imply the order of socio-spatial production. When reference is made to the current epocality of society, marked by so many processes that fall on the production and organization of space, one of the issues that has stood out as a problem in the socio-spatial dynamics is urban violence that manifests itself in many ways, being one of them the explosions and thefts of bank agencies at bank branches.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

² Professora Substituta do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Mestre e Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba.

Given this scenario, it is necessary to draw reflections on the multiple ways in which this phenomenon has reached the socioeconomic dynamics of small cities where bank agencies explosions have been more common and resulted in the closing of branches and, consequently, in the imposition of limits for capital and commodity flows in the local space. It is in this way that the present work aims to understand the socioeconomic impacts in the city of Arara, in the state of Paraíba, resulting from the departure of the Bank do Brasil branch from the city in 2017. The work is guided by a qualitative approach, in which adopting bibliographic research and field research, an attempt is made to outline an analysis plan capable of allowing the reflection of the socio-spatial context in question. Based on the results achieved, it can be said that the departure of the Banco do Brasil branch from the city of Arara-PB has had direct repercussions on the local economy and on the dynamics of the flow of people, capital and goods, which they now have as their destination other municipalities.

Keywords: Space. Urban Violence. Arara-PB. Socioeconomic Dynamics.

1 INTRODUÇÃO

A dinâmica econômica das pequenas cidades é tema ainda pouco discutido na Geografia. O fato é que a complexidade de fatores imbricados na produção e organização do espaço das grandes e médias cidades secundarizaram, em certa medida, no debate geográfico a realidade socioeconômica, também complexa, das cidades pequenas, cuja configuração socioespacial é submetida a fatores diversos. Nas pequenas cidades, os fenômenos que atingem a sociedade como um todo no período de globalização aparecem como produto da combinação de lógicas internas e externas, e entender o produto dessa relação em sua especificidade é de extrema relevância. Estas cidades, historicamente, sofrem a imposição de decisões (políticas, econômicas, sociais, territoriais, etc.) que partem de escalas macros, o que, muitas vezes, acaba provocando desequilíbrios nos contextos locais já edificados, pois não atendem necessariamente as demandas e necessidades locais.

No atual contexto de globalização em que se intensificam os fluxos no espaço, as pequenas cidades não fazem parte de um sistema espacial isolado, já que estão inseridas e articuladas entre si e com outros centros urbanos de maior porte. Dessa forma, a articulação com outros centros urbanos pode trazer tanto vantagens como desvantagens, a depender das variáveis que permeiam estas interações espaciais. A concentração do poder decisório, a centralidade comercial e o dinamismo econômico-financeiro de uma cidade podem influenciar diretamente no funcionamento e no desenvolvimento de outras cidades com as quais ela se relaciona, pois a cidade que polariza, isto é, aquela que detém influência sobre o seu entorno, tende a concentrar capitais e investimentos, enquanto que as demais vão se tornando áreas com pouca expressividade econômica.

Há muitos fatores que inibem o desenvolvimento socioeconômico nas pequenas cidades, desde aqueles constituídos historicamente até àqueles que emergem como novos vetores de transformação no curso atual do desenvolvimento capitalista. No estado da Paraíba, um destes novos fatores de transformação tem sido, notadamente, a onda crescente de violência que, entre outras formas de manifestação, tem comparecido através do aumento dos casos de explosão e roubo de caixas eletrônicos em agências bancárias. Este fato tem levado ao fechamento de agências em diversas cidades do interior do estado, o que tem resultado em novas dinâmicas circulatórias para o capital e, conseqüentemente, para a produção do espaço a partir do deslocamento de investimentos e do consumo para outras cidades que possibilitam a realização das operações financeiras bancárias.

É neste contexto que se dá a saída da Agência do Banco do Brasil (BB) da cidade de Arara- PB. Em 2017, a Superintendência Regional do Banco do Brasil, alegando inviabilidade de manutenção da agência em razão da onda frequente e crescente de violência e explosões à caixas eletrônicos, determinou o fechamento da unidade BB do município de Arara-PB, medida que vem causando uma série de transtornos para a população e para o comércio local prejudicado pela pouca circulação de capital. Com a saída da Agência do Banco do Brasil de Arara-PB, as principais operações bancárias realizadas pela população passaram a ser efetivadas em outros municípios, o que resultou no deslocamento dos fluxos de capitais para fora da cidade. Desta forma, a fuga de capitais do comércio local vai se tornando um processo prejudicial para o município, pois este setor da economia tem sido fortemente impactado.

Levando em conta esse quadro e as possibilidades de análise nele contidas, neste trabalho busca-se compreender os impactos socioeconômicos na cidade de Arara, no estado da Paraíba, inerentes a saída da Agência do Banco do Brasil da cidade. Acredita-se que a temática é relevante para o debate geográfico na medida em que evidencia um fenômeno relativamente recente, as explosões, roubos e fechamento das agências bancárias em cidades pequenas, e a sua dimensão socioespacial. Ademais, a reflexão proposta também será relevante para a contexto espacial investigado, a cidade de Arara, haja vista que apresenta informações e dados que podem ser tomados como referência para o estabelecimento de ações e estratégias que possam contribuir para a retomada da dinamização das atividades comerciais, prejudicadas pelo problema abordado.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho, que parte do método de interpretação dialético, faz uso de uma abordagem qualitativa. Sendo assim, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica na intenção de reunir os referenciais capazes de subsidiar a leitura teórica da questão em tela. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo, na qual fez-se uso de questionários e entrevistas semiestruturadas para a obtenção de informações acerca da realidade pesquisada.

No que se refere aos resultados alcançados, foi possível perceber que a saída da Agência do BB da cidade de Arara-PB, tem ocasionado um baixo dinamismo no setor comercial, que sofre com o deslocamento do consumo para as cidades que passam a servir de base a população araraense na realização de suas operações bancárias. Desta forma, o que acontece é que, na medida em que a população se desloca até outros municípios para realizar movimentações financeiras nas agências bancárias destes municípios, naturalmente acabam consumindo nestes municípios também.

2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A LEITURA GEOGRÁFICA DA REALIDADE SOCIOESPACIAL

Ao longo da evolução da ciência geográfica, a definição de espaço caminhou entre momentos teórico-metodológicos que emergiram como resposta a períodos históricos especificados por dinâmicas socioespaciais (SANTOS, 2006) que, ao inferir mudanças na sociedade, transformaram o espaço e exigiram novas abordagens geográficas.

Para Santos (2006), o espaço é referência central na abordagem geográfica, devendo ser compreendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Esta perspectiva defendida pelo autor pressupõe as relações sociais como fatores determinantes que articulam a sociedade e a natureza em um processo contínuo que dá origem a algo novo, resultado das técnicas e do trabalho.

Ainda conforme Santos (2006), neste processo de evolução do espaço, a técnica aparece como um fator determinante na produção espacial, pois é ela o instrumento racionalizado pela sociedade para, a cada período, atender as suas demandas. Desta maneira, conforme afirma Santos (2011, p.11):

As técnicas se dão como famílias. Nunca, na história do homem, aparece uma técnica isolada; o que se instala são grupos de técnicas, verdadeiros sistemas. Um exemplo banal pode ser dado com a foice, a enxada, o ancinho, que constituem, num dado momento, uma família de técnicas. Essas famílias de técnicas transportam uma história, cada sistema técnico representa uma época.

As técnicas, a cada período histórico, moldam o espaço e ditam o ritmo da evolução social. Trata-se de um processo com continuidades e descontinuidades em que as novas técnicas vão se sobrepondo ao arranjo anterior e criando novas possibilidades para a reprodução social. É assim que Santos (2006) estabelece uma periodicidade para o espaço sequenciada pela sucessão de três períodos: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional.

O meio natural, conforme define Santos (2006), pode ser entendido como um meio sistematizado por uma espécie de simbiose entre a natureza e o ser humano, e onde as técnicas convergiam com a natureza determinando práticas sociais que não provocavam grandes transformações e alterações na natureza. Ainda conforme Santos (2006), não há razão para considerar este período pré-técnico, pois na medida em que o ser humano racionalizava um objeto da natureza e ajustava a suas necessidades já estava criando, ainda que de forma rudimentar, um objeto técnico.

Já o meio técnico, por sua vez, comparece a partir da ideia de um espaço mecanizado que, segundo Santos (2006), deixa de ser algo cultural e passa a ser cultural e técnico ao mesmo tempo. O espaço passa, portanto, por uma mudança gradativa e pontual do natural ao artificial, com florestas se convertendo em estradas asfaltadas e árvores dando espaço para prédios e outras construções humanas. Conforme aponta Santos (2006), os países passam a se distinguir entre aqueles que causam mais mudanças no meio cultural pelo meio técnico. Suas mudanças tornam-se significativas, pois estas transformações refletem um novo conjunto de ações e relações que influem na produção do espaço.

Os objetos técnicos, maquínicos, juntam à razão natural sua própria razão, uma lógica instrumental que desafia as lógicas naturais, criando, nos lugares atingidos, mistos ou híbridos conflitivos. Os objetos técnicos e o espaço maquinizado são *locus* de ações "superiores", graças à sua superposição triunfante às forças naturais. Tais ações são, também, consideradas superiores pela crença de que ao homem atribuem novos poderes- o maior dos quais é a prerrogativa de enfrentar a natureza, natural ou já socializada, vinda do período anterior, com instrumentos que já não são prolongamento do seu corpo, mas que representam prolongamentos do território, verdadeiras próteses. (SANTOS, 2006, p. 158)

Representando um salto evolutivo das técnicas, configura-se, posteriormente ao meio técnico, o meio técnico-científico-informacional que foi responsável por impor novas práticas e técnicas, transformando a produção do espaço geográfico. O meio técnico-científico-informacional é a expressão de um mundo cada vez mais globalizado, em que os sistemas de objetos e de ações vão se tornando mais dependentes, formando cadeias, linhas e teias, que convergem para a funcionamento da economia capitalista (SANTOS, 2006). É importante dizer que Santos (2006) não propõe cada um destes períodos como um recorte histórico preciso que possa ser datado e delimitado. O que o autor pretende é caracterizar a evolução das técnicas e pensar essa evolução no âmbito da produção do espaço geográfico. Neste sentido, os três períodos, embora um vá se tornando sobreposto ao outro, coexistem como híbridos conflitivos (SANTOS, 2006).

No caso do meio técnico-científico-informacional pode-se dizer que este é produto do curso atual do desenvolvimento da sociedade capitalista que, sobretudo a partir da década de 1970 busca uma integração maior dos objetos técnicos que são postos a serviço do capital. Na leitura de Santos (2011) a globalização, que tantas mudanças têm legado ao espaço geográfico é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, deve-se levar em conta dois elementos fundamentais: o estado das técnicas e o estado da política. Temos aí uma relação em que as técnicas, enquanto instrumentos do modo de produção capitalista, se articulam a política para se disseminar e alcançar o espaço da

produção econômica de forma cada vez mais rápida e estratégica. As decisões políticas, na medida em que contribuem para a fluidez da sociedade, também atuam no direcionamento das técnicas, que, quanto mais dinâmicas, mais localizadas serão.

Neste sentido, a política é algo indissociável e de extrema importância para os processos de avanço da técnica, não apenas na tomada de decisões, mas também no investimento e na criação das condições que permitem ao capital estar por toda parte e se materializar aonde lhe convém. Esta combinação entre as ações políticas, as técnicas e o capital cria as diferentes dinâmicas socioeconômicas que fazem do espaço diverso, e, conseqüentemente, das cidades recortes espaciais produzidos de forma diferente, ainda que sob a força de lógicas gerais determinadas pela sociedade capitalista. Na visão de Santos (2011), são contextos modelados pela divisão social e territorial do trabalho, isto é, a repartição (ou no mundo, ou no lugar) do trabalho vivo entre as pessoas e os espaços.

Conforme o papel exercido na divisão do trabalho, as cidades pequenas, assim como a cidade de Arara-PB, vão se caracterizado por arranjos técnicos simples e funções pouco complexas, o que as coloca na condição de subordinadas a outros centros urbanos mais dinâmicos. Desta forma, a conjuntura produtiva específica das pequenas cidades combina processos produtivos/econômicos com conteúdos e formas que demandam a abordagem geográfica compreender, nestes espaços, a combinação de lógicas locais e externas, que se encontram e produzem a realidade socioespacial particular de cada uma das pequenas cidades.

2.1 As pequenas cidades: conceitualização e dinâmicas socioeconômicas

Na abordagem geográfica, a cidade tem sido evidenciada a partir de múltiplos campos de visão, o que demonstra sua importância no processo de evolução da sociedade. De acordo com Carlos (2007), a cidade vem sendo pensada de muitas formas, ora como quadro físico (um simples mapa aberto na prancheta), ora como meio ambiente urbano (e, nesta dimensão, “naturalizada”), de modo que em ambos os casos tem se ignorado o conteúdo da prática socioespacial que lhe dá forma e conteúdo. A cidade, por muitas vezes, para atender interesses meramente capitalistas vem sendo definida de maneira superficial, quando na verdade aquilo que a produz e a movimenta é bem mais complexo e heterogêneo, pois como destacado por Carlos (2007), a cidade enquanto ocupação humana, produto social, trabalho materializado, apresenta-se enquanto forma de ocupação diversas e dinâmicas.

Desta maneira, segundo Costa (2017) o contexto espacial permite ainda evidenciar os conteúdos e impulsos a que cada cidade está submetida, requalificando, conseqüentemente, o

sistema de cidades e a organização do espaço. Na leitura de Carlos (2007), a produção geográfica aponta claramente o fato de que não há um único modo de se pensar a cidade, indicando que não há um único caminho a ser trilhado pela pesquisa. Ainda segundo a autora, como ponto de partida para uma leitura geográfica sobre a cidade deve prevalecer a ideia de cidade como construção humana, produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado no espaço, produzido ao longo do tempo a partir da relação da sociedade com a natureza.

No processo de produção do espaço, um dos fatores relevantes é o fluxo de pessoas, de modo que os locais que tornam-se receptores destes fluxos configuram-se como centros dinâmicos da região, já que a motivação da migração quase sempre é a economia. De acordo com Santos (1988), certas regiões perdem população em proveito de outras, tornadas mais dinâmicas, a exemplo do que ocorreu no Brasil com a perda demográfica do Nordeste em favor do Sudeste na segunda metade do século passado. Segundo Costa (2017), tais condições do desigual processo de urbanização e da atual globalização, têm reflexo sobre as cidades pequenas que sofrem com a perda populacional e o reduzido investimento que responde a baixa atratividade para novos investimentos.

De acordo com Carlos (2007), a produção espacial realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar num momento específico. Este processo tem favorecido grandes cidades que foram construídas por uma força de trabalho imigrante, vindo sobretudo de pequenas cidades em busca de oportunidades, o que ajudou ainda mais na diferenciação econômicas de cidades e até entre os estados.

Na definição de pequenas cidades, Endlich (2017) traz um questionamento, afinal, quando nos referimos a uma cidade como pequena estamos nos referindo a sua população, ao seu território ou a seus aspectos funcionais e seus papéis na rede urbana? De acordo com Endlich (2017), a tarefa de conceituar e definir pequena cidade consiste em buscar justamente elementos, processos ou atributos que permitam compreender o limiar de uma cidade. De forma geral, pode-se dizer que uma cidade é o resultado do trabalho e das técnicas empregadas no espaço e ao mesmo tempo é onde as interações acontecem. Endlich (2017), no que se refere as pequenas cidades, afirma que o que prevalece como critério de definição é o tamanho de sua população, o nível de complexidade de suas funções e o papel exercido na rede urbana.

Segundo Costa (2017), para caracterizar as cidades quanto ao tamanho enfrenta-se dificuldades pelos limites apresentados pelo tradicional recurso adotado, isto é, o tamanho populacional, pois cidades com até 50 mil habitantes, segundo o IBGE, são consideradas pequenas. Dessa forma, temos uma definição oficial de pequenas cidades que segue ainda

critérios numéricos de população. Todavia, é importante considerar que a cidade, pela sua realidade construída no movimento espaço-tempo, deve ser pensada como um conceito que se molda a cada período. Neste sentido, a configuração das cidades muda a cada tempo histórico e “as dimensões alcançadas pelas grandes cidades contemporâneas fazem parecer irrelevantes e questionáveis as pequenas cidades, enquanto tal” (ENDLICH, 2017, p.10).

Conforme salienta Endlich (2017), é preciso considerar que existem muitas possibilidades quanto a atividade de classificar e enquadrar uma localidade quanto ao seu tamanho, merecendo destaque os aspectos: demográfico, territorial e funcional. Ainda segundo esta autora, é certo que costumeiramente eles estejam relacionados, isto é, que uma pequena cidade na perspectiva demográfica, possivelmente assim será quanto ao seu território e quanto aos seus papéis.

Para Corrêa (2011, p. 06), “a pequena cidade é entendida como um núcleo de povoamento no qual certa parte da população está engajada em atividades ligadas à transformação e circulação de mercadorias e prestação de serviços”. Partindo desta linha de pensamento, compreende-se que as cidades pequenas tem uma função de núcleo municipal onde os serviços e as atividades estabelecidas não possuem tanta complexidade como as cidades maiores.

A pequena cidade é, assim, antes de mais nada um núcleo dotado da função de sede municipal. Reconhecemos que inúmeras vilas e povoados têm funções urbanas, mas o padrão dominante diz respeito à presença da função político-administrativa. Ser sede municipal significa certo poder de gestão de um dado território, o município, para o qual a presença de instituições e serviços públicos, além do acesso a tributos estaduais e federais tornam-se essenciais (CORRÊA, 2011, p. 06)

Outra marca característica das pequenas cidades é a presença do meio rural, esta interação marcante define sua identidade, já que as cidades servem como um tipo de centralidade dentro da área do seu próprio município (CORRÊA, 2011). Desta forma, para o autor, a pequena cidade pode ser melhor definida através da dimensão de sua centralidade e não, necessariamente por meio de seu tamanho demográfico. Ela se caracteriza por ser um centro local. Todos os sítios daqueles municípios buscam serviços e interações comerciais como, por exemplo, através das feiras livres, onde produtos rurais produzidos no município podem ser adquiridos na cidade, causando uma relação de correlação, funcionando como um ponto de convergência (CORRÊA, 2011).

Na cidade pequena diferentes atividades são ofertadas e adquiridas causando um efeito comercial peculiar, ligando de certa forma o produto direto do campo. Deste modo, este espaço torna-se um nó fundamental na rede de relações econômicas envolvendo o urbano e o rural

(CORRÊA, 2011). Outra característica a ser levada em consideração é a presença do rural no urbano, que também vem a ser uma particularidade de pequenos centros diferente do que já foi discutido a respeito do comércio exercido, também temos a presença da própria essência rural, como carroças de bois no asfalto, cavalos disputando espaço com carros e motos, pessoas com ferramentas rurais andando pelas ruas, sem causar espanto ou estranhamento, pois aquilo ainda é algo comum nesses lugares.

Todas estas discussões aqui levantadas levam a um ponto de convergência: a cidade pequena é aquela em que suas características comerciais, culturais e tecnológicas se produzem mediante a força de lógicas externas, mas, sobretudo das relações internas. Logo, uma cidade pode ser considerada pequena quando o fenômeno técnico não se desenvolve de forma plena, inibindo a dinamização das funções locais e direcionando os fluxos para centralidades urbanas mais dinâmicas.

3 A VIOLÊNCIA URBANA NAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DAS EXPLOSÕES E ROUBOS AOS CAIXAS ELETRÔNICOS

Com a emergência da Geografia Crítica em meados da década de 1970, a preocupação analítica com as contradições socioespaciais evidenciadas pelo desenvolvimento da sociedade capitalista se tornou mais evidente. Neste sentido, quando se trata de pensar a cidade e sua dinâmica interna e externa, muitos aspectos surgem no âmbito da geografização dos fenômenos e requerem entendimento, a exemplo da violência urbana e da forma como ela implica na produção do espaço.

Na leitura de Beato (1998) citado por Diniz (2005), o tratamento espacial da violência urbana diferencia-se das abordagens sociológicas e psicológicas, pois tem como diferencial o fato de deslocar a análise dos criminosos para os delitos propriamente ditos, explorando o contexto no qual a violência ocorre e identificando padrões espaciais e temporais. É nesta direção que a abordagem geográfica leva em conta a dimensão material e subjetiva da violência urbana, tendo muito a contribuir no tratamento da questão.

Como vimos, o espaço é resultado da combinação de forças de ação e reprodução da sociedade num dado contexto espaço-temporal (SANTOS, 2006). Neste processo, a violência também possui um papel na produção espacial, porque atua como um processo que imprime sobre o espaço objetos e ações. De acordo com Bordin (2009), violência e crimes são resultados de ações humanas em determinadas sociedades e em um dado espaço ou território, sendo o estudo geográfico da questão necessário para compreendê-la como os processos de interação homem-espaço. Para Filho (2004) citado Bordin (2009), falar em violência e estabelecer sua

geografia é entender como o crime adquire uma organização, uma estrutura própria que reflete no espaço urbano. Assim, a ciência geográfica tem muito a contribuir, não apenas no quesito de estabelecer uma distribuição espacial dos crimes e violências, mas contribuir também no entendimento de como esses fatos se originam e quais as consequências que eles geram (BORDIN, 2009).

Para Diniz (2005), os crimes não ocorrem no espaço vazio, mas em contextos espaciais concretos, dotados de atributos específicos que controlam a incidência dos mesmos. Por muito tempo prevaleceu a ideia de que as pequenas cidades eram pacatas do ponto de vista da violência, pouco se ouvia sobre assaltos, tráfico de drogas e outros crimes. As pessoas ficavam a noite nas calçadas de suas casas, com um sentimento de segurança. Porém, nos últimos tempos esta realidade vem mudando quase que drasticamente, pois as cidades pequenas também têm se tornado palco de formas diversas de violência.

De acordo com uma reportagem divulgada na página eletrônica do site G1, em 2019, o aumento da violência em cidades pequenas e médias fez o índice nacional crescer nos últimos 20 anos, apesar da queda nas cidades grandes (G1, 2019). De 1997 a 2017, a alta foi de 113% nos municípios com até 100 mil habitantes, e de 12,5% nos municípios entre 100 mil e 500 mil habitantes. Estes dados vão de encontro com a afirmação de Endlich e Fernandes (2014) quando colocam que a vida pacata e tranquila em pequenas cidades é cada vez mais um mito. É bem verdade que aquele modo de vida “tranquilo” já não é mais presente e que o termo “cidade pacata” se apresenta como algo distante e nostálgico.

É preciso entender os fatores que levaram ao crescimento dos casos de violência nestas cidades. Uma das hipóteses é a facilidade para cometer os delitos, já que nas pequenas cidades o policiamento é bem reduzido e muitas vezes inexperientes para casos mais complexos. De acordo com Endlich e Fernandes (2014), em muitos casos, as quadrilhas aproveitam a ausência de serviços públicos de segurança, a facilidade de acesso e deslocamento por rodovias pouco fiscalizadas, entre outros fatores, para amedrontar e aterrorizar as pequenas cidades. Por este e por outros motivos tivemos nos últimos anos o avanço de um fenômeno de violência urbana que leva preocupação as cidades pequenas, as explosões e roubos a caixas eletrônicos.

O fato é que a onda crescente de violência nas cidades pequenas criou um sentimento de insegurança. Para Endlich e Fernandes (2014, p.11), “o sentimento de insegurança urbana ocorre quando um indivíduo – ou um grupo – se sente inseguro em determinada localidade, por qualquer motivo que seja, real ou não”. As explosões causaram um pouco mais do que medo, pois não é apenas um assalto comum onde na maioria das vezes o terror é direcionado para uma ou um grupo pequeno de pessoas. No caso das explosões a caixas eletrônicos, se instala um

verdadeiro “clima de guerra”, com explosões e disparos com armamento pesado, que até então eram coisas totalmente fora da realidade dessas cidades pequenas. O rastro de destruição deixado por esse tipo de violência pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 - Agência do BB de Arara-PB após a explosão



Fonte: Aline Galdino/TV Paraíba (2013)

Além disso, esta forma de violência urbana tem sido responsável por outros impactos, a exemplo dos impactos socioeconômicos que discutiremos a seguir a partir da realidade analisada na cidade de Arara-PB.

4 MATERIAL E MÉTODOS

Na presente pesquisa o método de interpretação adotado foi o dialético, pois entendemos que o fenômeno em análise requer compreender o movimento de contradições, processos, relações e ações que aparecem na produção do espaço. O método dialético entende a realidade concreta como uma unidade em movimento, cuja totalidade é especificamente contraditória. Para Lefebvre (1975), na perspectiva dialética, recorrem leis gerais como a interação universal; o movimento universal; a unidade dos contraditórios; a transformação da quantidade em qualidade; e, a superação. Desta forma, buscando a profundidade na análise do fenômeno investigado, optou-se por uma pesquisa qualitativa, na qual se fez uso de procedimentos quali-quantitativos para se chegar aos resultados.

De forma inicial foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Através deste levantamento teórico procurou-se compreender teoricamente os processos de produção e organização do

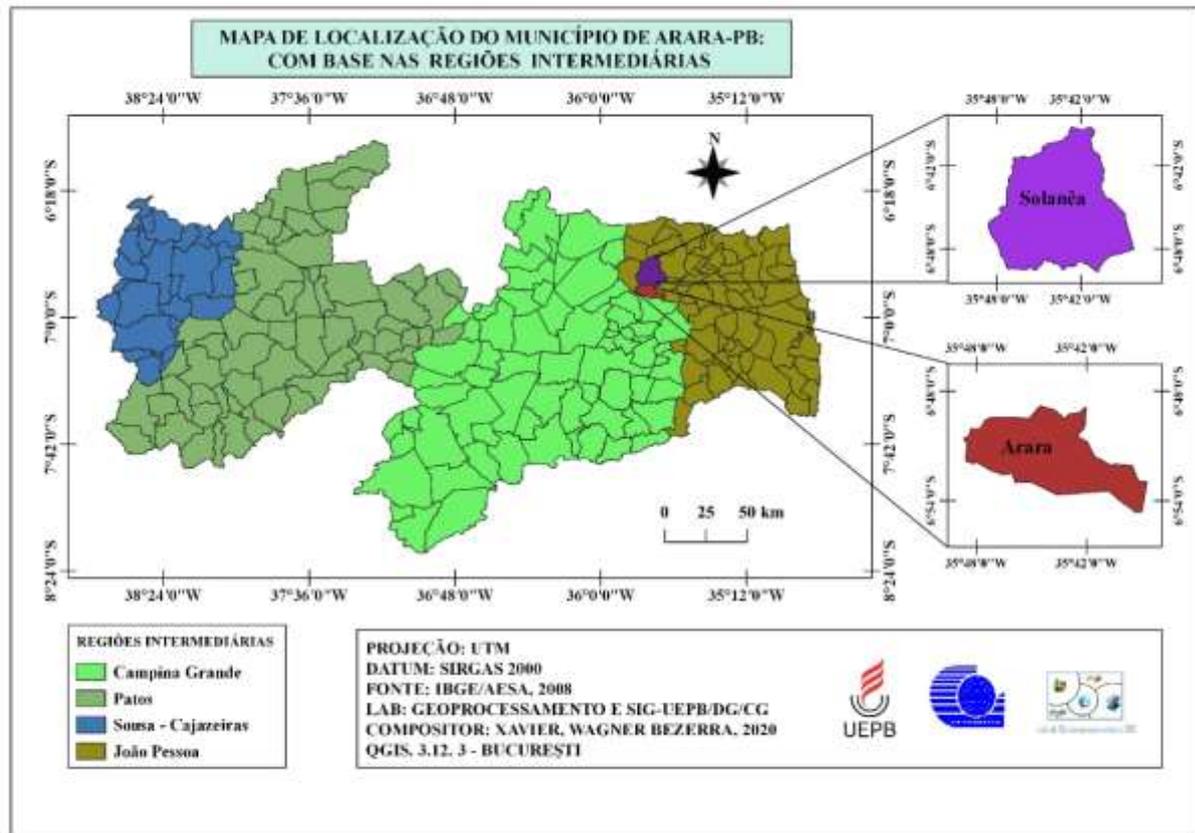
espaço geográfico, a conceitualização das pequenas cidades e a concepção de violência a partir da sua relação com o espaço e no contexto da análise geográfica. Após esta etapa, realizou-se a pesquisa de campo, momento em que buscou-se informações empíricas acerca da realidade socioespacial analisada. Na pesquisa de campo foram aplicadas entrevistas com os comerciantes locais, com o objetivo de compreender o impacto da saída da Agência Bancária do Banco do Brasil no comércio local. Já os questionários foram aplicados junto à população local, visando a obtenção de informações acerca dos efeitos dessa saída da agência na rotina dos moradores, e da forma como estes tem realizado suas operações financeiras e realizado seu consumo de produtos, bens e serviços.

Estes procedimentos de coleta de dados foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, levando a campo toda a teoria adquirida, buscando entender a compreensão dos comerciantes e da população. Os questionários aplicados junto a população foram realizados entre os dias 05 e 20 de setembro de 2020. Responderam aos questionários 54 pessoas. Já as entrevistas realizadas com os comerciantes foram realizadas entre os dias 17 e 22 de Setembro de 2020.

4.1 Caracterização geográfica da área de pesquisa

De acordo com a nova divisão regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2017, o município de Arara- PB está localizado da Região Geográfica Intermediária de João Pessoa-PB e na Região Geográfica Imediata de Guarabira-PB (Mapa 1). Conforme as estimativas do IBGE, em 2020 a população estimada é de 13.542 habitantes. O município possui uma área territorial de 91.306 Km², com uma densidade demográfica de 127,66 hab/km².

Mapa 1- Localização geográfica do município de Arara-PB



Fonte: Xavier, 2020.

Na cidade de Arara-PB, no que se refere a dinâmica econômica, segundo os dados do IBGE (2017), o município conta com um PIB per capita de 7.300,36. Ainda segundo o IBGE, em 2018, o salário médio mensal era de 1.6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 5.5%. Com relação aos setores da economia, há uma maior participação do setor comercial.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

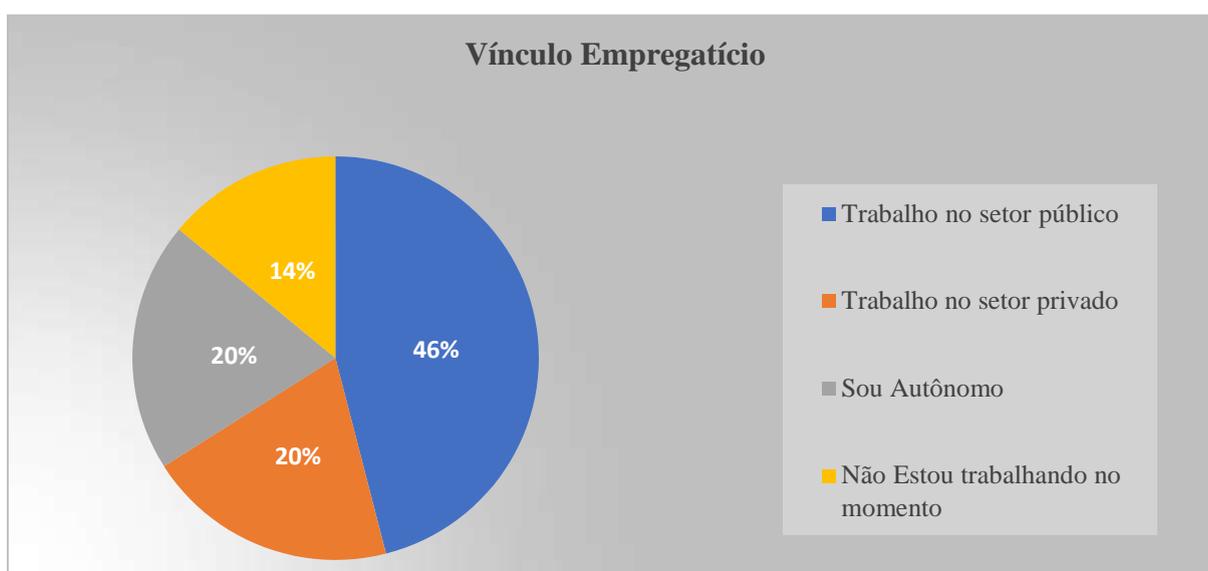
O fechamento das agências bancárias nas cidades pequenas tem sido motivado pelo aumento da violência que através, principalmente, das explosões das agências tem elevado o custo de permanência dos bancos nestas cidades. Com esse processo, a população das cidades prejudicadas precisam buscar os serviços bancários em outros municípios o que tem resultado também na transferência do consumo para estes outros espaços que passam a ser o *locus* dos novos fluxos do capital.

A partir dos resultados alcançados pela pesquisa aqui empreendida, foi possível constatar no município de Arara uma característica que se repete nas cidades pequenas, ou seja, que a geração de emprego e renda é muito dependente do setor público, especificamente da

administração municipal. De acordo com dados disponibilizados pela Secretaria Municipal de Administração do município de Arara, em 2020, a prefeitura tem ofertado 562 cargos, entre comissionados, efetivos e contratados aplicando um total de R\$ 1.153.422,00, desse todo, os descontos representam: R\$ 200.025,50 e um líquido de R\$ 953.396,40.

Conforme pode ser observado no gráfico 1, entre os moradores residentes em Arara que participaram da pesquisa, observa-se que 46% trabalha no setor público, o que revela a dependência dos empregos gerados por este setor.

Gráfico 1- Vínculo empregatício dos entrevistados



Fonte: Trabalho de campo (2020)

A expressividade do setor público na geração de emprego e renda no município implica diretamente na questão que problematiza-se na pesquisa. Isso porque estes trabalhadores do setor público recebem seus vencimentos através de transferências bancárias, em conta salário, no Banco do Brasil, o que salienta a dependência das agências bancárias instaladas em outros municípios para tais operações. Neste sentido, a partir dos resultados obtidos constatou-se que, com a saída da Agência do BB de Arara estas operações passaram a ser realizadas principalmente na cidade de Solânea-PB, que dispõe dos serviços bancários que atendem as necessidades da população de Arara. Em Arara só resta agora um correspondente bancário, do Bradesco, que não atende as necessidades da população, pois além da maioria depender da agência do Banco do Brasil, este correspondente bancário, para diminuir o risco de explosões aos caixas eletrônicos, funciona com uma quantidade reduzida de dinheiro.

Para os comerciantes locais esse deslocamento de capitais e, conseqüentemente, da população, influi diretamente na dinâmica do comércio, pois segundo eles houve um enfraquecimento e uma diminuição das vendas devido a transferência do consumo para a cidade de Solânea e, em menor grau, para outros municípios circunvizinhos. Outro problema colocado pelos comerciantes reflete diretamente esse impacto do deslocamento do consumo no setor alimentício. Conforme apontado pelos comerciantes proprietários dos supermercados, a queda nas vendas se verifica, sobretudo, no que se refere a chamada “feira do mês”, que caracteriza-se pela compra de alimentos e demais produtos pelas famílias em maior quantidade. Desta forma, percebe-se que os moradores têm optado por fazer estas compras de maior volume em outros municípios, onde realizam suas operações bancárias, restringindo ao comércio de Arara a aquisição de produtos avulsos, para consumo mais imediato.

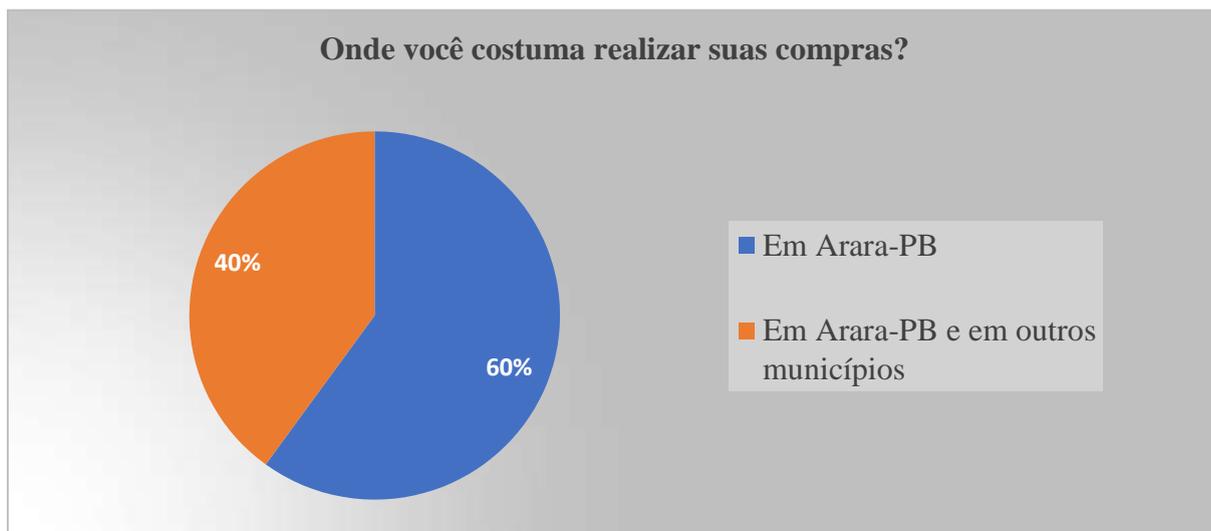
Ainda segundo os comerciantes, as pessoas têm preferido fazer compras maiores na cidade de Solânea-PB, pois já aproveitam o deslocamento para receber seus rendimentos e lá compram o que precisam se beneficiando da diversidade de produtos e serviços que existe naquele município.

Os donos de lojas de roupas também sentiram uma grande diminuição em suas vendas. Segundo estes, esse impacto foi sentido principalmente durante o período das festas na região, que antes tinham vendas expressivas, precisando até aumentar o efetivo de funcionários para suprir o fluxo, pois as pessoas sempre buscavam adquirir artigos de vestuário e calçados para estas festividades. Conforme apontado pelos comerciantes, os clientes realizam compras parceladas em suas lojas e a vista nas lojas de Solânea-PB e Campina Grande-PB, as lojas locais trabalham com o parcelamento anotado em cadernos, como forma de pagamento, tendo a confiança como crédito, já em outras cidades as compras são feitas a dinheiro, débito ou crédito. Os donos de pizzarias e lanchonetes relataram uma diminuição nos pedidos, devido a única forma de pagamento nas entregas das pizzarias serem a dinheiro vivo e em uma cidade que não dispõe de agências bancárias o dinheiro vivo torna-se um problema, levando eles se adequarem ao pagamento em débito ou crédito, pois notaram que os serviços de entrega que utilizam estes recursos estavam se saindo melhor nas vendas.

No que se refere a percepção da população local destes processos, observa-se que estes vão de encontro com o mesmo entendimento dos comerciantes. Quando questionados a respeito do enfraquecimento no comércio local, 92% da população pesquisada respondeu que este existe e se revela através de uma dependência das relações comerciais externas. 40% dos entrevistados revelaram fazer compras tanto em Arara-PB, como em outros municípios escoando, assim, boa parte do capital que poderia correr dentro do próprio município para outros municípios. Para

a população, além do fato de já terem que se deslocar a outros municípios para realizar suas operações bancárias, contribui para a realização das compras nestes municípios a variedade de produtos que lá existem, o que torna possível, por exemplo, comparar preços e produtos.

Gráfico 2- Locais de consumo



Fonte: Trabalho de campo (2020).

Quando questionados a respeito dos setores em que mantiveram o consumo mais frequente e ativo em Arara, os entrevistados afirmaram, em sua maioria, consumir com mais frequência produtos/mercadorias dos restaurantes, pizzarias e lanchonetes, supermercados e farmácias. O segmento que mais tem sido impactado pela transferência de fluxos de consumo para outros municípios, é o setor de venda de roupas e calçados, bem como de eletrodomésticos.

Diante desse quadro, percebe-se a necessidade de se adotar estratégias urgentes para se retomar o dinamismo do comércio local. Para um dos comerciantes pesquisados, estas estratégias perpassam pela adoção de mais segurança pública, pois é preciso criar um espaço seguro para a população local, de modo que as atividades bancárias possam ser reestabelecidas e os fluxos de capitais se voltem novamente para a cidade de Arara. Outra medida muito importante pontuada pelos comerciantes seria ativar a guarda municipal e se instalar um excelente sistema de monitoramento, ativas 24 horas por dia, para monitorar a cidade e quem sabe assim inibir as ações violentas, permitindo o retorno da agência bancária.

Dessa forma, seria possível implantar novamente uma agência do BB em Arara e teria-se uma melhoria significativa na economia. A saída do Banco do Brasil causou impactos significativos na vida das pessoas, obrigando alguns comércios a se adaptarem ou fecharem as portas, tudo isso fruto de processos complexos. A partir das reflexões aqui desenvolvidas,

percebemos que reestabelecer a dinâmica socioeconômica na cidade de Arara demanda ações articuladas de agentes públicos e privados. O que resta a partir do exposto é conduzir cada vez mais estudos, levantando dados para que a população e as autoridades tenham acesso a informações empíricas acerca dos problemas para que possam estruturar as mudanças necessárias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de pensar a realidade socioespacial é sempre instigante ao geógrafo, sendo a abordagem geográfica um instrumento que pode permitir não só a compreensão de suas problemáticas como a intervenção sobre elas. Através das pesquisas aqui empreendidas, tanto a pesquisa teórica como de campo, foi possível entender um pouco a respeito do que é espaço e como ele se constrói, a partir das técnicas, de processos e de dinâmicas que vão se reconstruindo ao longo do tempo a partir da emergência de diversos fenômenos, tal como a violência que tem resultado na saída das agências bancárias das cidades pequenas.

As cidades são construídas pela força de suas relações internas e das relações externas estabelecidas com outras formas urbanas. A dimensão dessas relações externas possui um peso na produção e organização do espaço da cidade, e repercute na dinâmica das atividades econômicas.

Buscou-se entender neste trabalho como a saída da Agência do Banco do Brasil da cidade de Arara tem repercutido na sua dinâmica socioeconômica e os resultados alcançados mostraram um processo marcado pelo enfraquecimento do consumo local com o deslocamento do movimento de pessoas e capitais para outros municípios.

Uma cidade pequena, tal como Arara, torna-se inevitavelmente dependente de alguns serviços de maior complexidade que geralmente são oferecidos por centros urbanos mais desenvolvidos. Mas no caso específico, a dependência que o município tem apresentado em relação ao município de Solânea, é motivado especificamente pela saída da agência bancária. Assim podemos perceber que há um direcionamento cada vez maior dos fluxos de pessoas e capitais para fora de Arara, o que compromete seu desenvolvimento local, pois resulta no enfraquecimento do comércio interno.

Dessa forma, acredita-se que seria possível e necessário implantar novamente uma agência do BB em Arara e assim vislumbrar uma melhoria significativa na economia local. A saída do Banco do Brasil causou impactos significativos na vida das pessoas, obrigando alguns comércios a se adaptarem ou fecharem as portas, tudo isso fruto de processos complexos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDIN, Marcelo. **Geografia do crime em Curitiba: a produção de espaços segregados pela violência**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alesandri. **O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. 1. Ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. São Paulo, n. 30, p. 05-12, 2011.

COSTA, Aldemilson. Desafios de tendências dos estudos sobre cidades pequenas no Brasil. **Departamento de Urbanismo e Ordenamento do Território. Universidade Politécnica da Catalunha**. Barcelona. 2017.

DINIZ, Alexandre Magno Alves. Migração, desorganização social e violência urbana em Minas Gerais. **RAÍÇA**, Curitiba, v.9. n. 9, p. 9-23, 2005.

ENDLICH, Angela Maria; FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social. **Escripta Nova**, Barcelona. v. 18, p. 1-7, 2014.

ENDLICH, Angela Maria. Na trilha conceitual e de definição das pequenas cidades. *In*: BOVO, Marcos Clair; COSTA, Fábio Rodrigues. (Orgs.). **Estudos urbanos: conceitos, definições e debates**. Campo Mourão: Fecilcam 2017. p. 33-51.

PORTAL G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/08/04/indices-de-violencia-estao-crescendo-em-cidades-medias-e-pequenas-do-pais-diz-estudo.ghtml>. Acesso em 11 de out. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Ibge Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/arara/panorama>. Acesso em 03 de out. de 2020.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Eucitec, 1988.

_____. **A natureza do espaço: técnicas e tempo, razões e emoções**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20. Ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2011.

APÊNDICES

Apêndice A- Questionário aplicado aos moradores residentes em Arara-PB

Data ___/___/___

1. No que se refere ao vínculo empregatício, em qual opção você se encaixa;

- Trabalhador (a) do setor público
- Trabalhador (a) do setor privado
- Autônomo
- Não estou trabalhando do momento

2. Após a saída da Agência do Banco do Brasil do município de Arara-PB, você acha que houve uma queda na circulação de mercadorias e capital na cidade?

- Sim
- Não
- Não sei informar

3. Você realiza suas compras no município de Arara-PB ou em municípios vizinhos?

- Em Arara-PB
- Em outro município

4. Que tipo de produtos você costuma adquirir no comercio de Arara-

- PB: Restaurantes/pizzarias/lanchonetes
- Redes de supermercados,
- farmácia Varejo Lojas de todos segmentos

5. Após a saída da Agência do Banco do Brasil, você acha que o município de Arara-PB se tornou dependente de qual outro município para realização de operações financeiras?

Apêndice B- Entrevista semiestruturada aplicada aos comerciantes
(Roteiro prévio, no momento da entrevista outros questionamentos foram realizados)

Data ___/___/___

1. Qual o seguimento comercial do seu estabelecimento

2. Você acha que houve uma queda na venda de produtos do seu estabelecimento a partir da saída da agência do BB de Arara-PB?

3. Você acha que após a saída do Banco do Brasil, as pessoas passaram a comprar em outro município?

4. Quais as medidas deveriam ser tomadas diante do novo contexto econômico em que a cidade se encontra?

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Maria Aparecida Bezerra, minha mãe, que junto comigo passou por momentos difíceis na vida, porém sempre estivemos juntos e conseguimos superar todos eles. Agradeço a Severino Bezerra da Silva, meu avô, por sempre me dar toda a força necessária para continuar essa longa jornada, podendo concluir esta etapa ímpar da minha vida, apesar de todas as dificuldades e problemas encontrados, sempre tive o apoio deles e da minha família, fazendo com que eu pudesse chegar até aqui.

Também gostaria de agradecer a Vitória Pompeu que me deu uma força enorme durante esse processo e as pessoas que se disponibilizaram a responder os questionários, contribuindo assim para o presente trabalho.

Agradeço também a esta Instituição (UEPB) e a todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica, com uma ênfase especial a minha Orientadora Prof. Me. Maria Marta dos Santos Buriti, que me ajudou durante todo este trabalho, com seu conhecimento e orientação. Tudo isso só foi possível graças a todos os acontecimentos e vivências que tive até aqui, me levando a pessoa que sou hoje, nessa jornada. Como bem lembra o filósofo Friedrich Nietzsche quem chegou, ainda que apenas em certa medida, à liberdade da razão, não pode sentir-se sobre a Terra senão como andarilho. Que sejamos andarilhos até o fim desta maravilhosa, ao mesmo tempo dolorosa e confusa viagem, chamada vida, entendendo que todos temos raízes que nos ligam de alguma forma, todavia só podemos florescer juntos, pois viver é uma aventura coletiva e sistemática.